

GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS

Inês Duarte
DLGR – FLUL

Neste XI Encontro Nacional da APL, em que comemoramos dez anos de vida de uma associação que nasceu das vontades de uns quantos, tem vivido do contributo de muitos e crescido com o trabalho da esmagadora maioria dos linguistas portugueses, coube-me planear e apresentar a sessão dedicada ao tema Gramáticas do Português.

O tema é inesgotável e múltiplos são os ângulos de que é possível abordá-lo.

Com efeito, na tradição ocidental de reflexão sobre a linguagem, por influência de correntes filosóficas e científicas, por necessidades evangelizadoras, educacionais ou socioculturais, têm-se sucedido e têm co-existido diferentes conceitos de gramática quanto ao objecto, ao objectivo e à metodologia de recolha de dados, de tratamento dos mesmos e de formulação de generalizações sobre as regularidades encontradas.

Relembremos alguns momentos deste percurso, que ilustram a diversidade acima mencionada e justificam, na minha perspectiva, os "passos da paixão" gramatical que percorreremos hoje.

Conscientes da distância entre o Grego da sua época e o dos grandes textos literários homéricos, os Alexandrinos encararam as mudanças verificadas na língua grega como um caso de decadência e procuraram fixar o uso formal, literário, do Grego, de modo a torná-lo imutável. O resultado deste esforço encontra-se sintetizado na *Arte da Gramática* de Dionísio de Trácia (século I da era cristã). Para Dionísio de Trácia,

"A Gramática é o conhecimento prático dos usos gerais dos poetas e prosadores. Tem seis partes: primeiro, leitura correcta com a devida consideração pelas prosódias; segundo, explanação das expressões literárias presentes nas obras; terceiro, observações sobre fraseologia e assunto; quarto, a descoberta das etimologias; quinto, a investigação de regularidades analógicas; sexto, a apreciação das composições literárias, que é a parte mais nobre da gramática."

Esta concepção utilitária de gramática como instrumento de compreensão e apreciação da linguagem literária sobrevive até aos nossos dias, estando particularmente presente nos manuais escolares. Dados retirados de textos literários que remontam aos períodos clássicos/aúreos das literaturas nacionais, a mudança linguística vista como corrupção, o objectivo normativo estrito das proposições gramaticais, característicos desta concepção gramatical, encontram-se presentes em gramáticos de muitas épocas e nacionalidades. Um exemplo paradigmático é Robert Lowth, professor de poesia na Universidade de Oxford, que, na sua *Short Introduction to English Grammar* (1762), afirmava que a "idade aúrea" do Inglês era o período elisabetiano e considerava que "o principal objectivo da gramática de qualquer língua é ensinar-nos a exprimirmo-nos com propriedade". A sua gramática é um conjunto de regras reguladoras do uso correcto do Inglês, ilustradas com exemplos por ele considerados bons usos e por outros julgados incorrectos extraídos de autores consagrados.

A adaptação da gramática de Lowth ao ensino, feita por Lindley Murray em 1795 (*English Grammar Adapted to the Different Classes of Learners*) foi o manual de gramática escolar dominante durante o século XIX em Inglaterra e nos Estados Unidos. Murray manteve o método prescritivo de Lowth, pôs a tónica em técnicas de análise e identificação das partes do discurso e enriqueceu a sua gramática com regras de ortografia e pontuação.

Regressando a um passado mais longínquo, a concepção gramatical dos Alexandrinos é partilhada pelos gramáticos latinos Donato (século V) e Prisciano (século VI), que procuram adaptar ao Latim as categorias propostas por Dionísio de Trácia, e cujos tratados gramaticais dominaram o ensino da gramática durante a Idade Média. Dado o papel da língua latina na sociedade medieval, como língua literária e de cultura, litúrgica e de evangelização, da administração e

das relações entre estados, gramática era a gramática latina, disciplina essencial e introdutória ao estudo da lógica e da dialéctica.

O movimento renascentista e a invenção da imprensa, que, ao tornar tecnicamente possível a produção de livros em quantidade, alargava significativamente o universo dos leitores, contribuem decisivamente para o recuo do Latim e para a valorização das línguas vernáculas. Neste contexto, assumem particular relevância a questão ortográfica, nascida das crescentes exigências de uniformização da representação escrita impostas pela imprensa, e o problema da estandarização dos vernáculos, que muitos gramáticos deste tempo resolvem recorrendo ao critério do *uso*, contra o da etimologia. Por outro lado, os contactos com outros povos e com as suas "línguas exóticas", proporcionado pelos Descobrimentos, abrem novos mundos à missão cristã e criam novos objectos de estudo gramatical: tais línguas passam a ser estudadas para ser ensinadas aos missionários responsáveis pela evangelização das populações que as falam.

Assim, por volta de 1700, existem 61 gramáticas impressas de línguas vernáculas, contando-se entre elas, por ordem da sua publicação, gramáticas do Espanhol, do Árabe, do Hebreu, do Italiano, do Francês, do Checo, do Português, do Tarascan, do Inca, do Nahuatl, do Zapotec, do Neerlandês, do Inglês e do Galês.

No século XVII, os gramáticos racionalistas da escola de Port-Royal propõem uma gramática universal distinta, quanto aos pressupostos, da *grammatica speculativa* medieval: a gramática geral e racional [Arnauld & Lancelot, 1660], também conhecida como geral, racional ou filosófica. A ideia de que as categorias gramaticais reflectem elementos e processos mentais universais, mas de que é necessário analisar cada língua particular porque tais processos se podem exprimir diferentemente de língua para língua, o afastamento do objectivo normativo (a gramática é *a arte de falar* e não *a arte de bem falar*), a distinção clara entre sons e letras e a prioridade atribuída à análise dos primeiros são características importantes e singularmente contemporâneas desta escola de pensamento que Chomsky, na década de 60, invoca centralmente ao procurar os fundamentos da gramática generativa na tradição racionalista de teorização e análise das línguas naturais. Florescente durante o século XVIII, esta escola de pensamento influencia estudos gramaticais portugueses até ao final da 1ª metade do século XIX, destacando-se entre eles, pela qualidade e finura das

análises propostas, a *Gramática Philosophica da Lingoa Portugueza ou Principios de Grammatica Geral applicados á Nossa Lingoagem*, de Jeronimo Soares Barbosa (1822).

Pouco mais de um século após a publicação da *Grammaire Générale et Raisonnée*, as observações de William Jones no seu "Third Anniversary Discourse on the Hindus" (1786) sobre as semelhanças entre o Sânscrito, o Grego e o Latim e a hipótese de uma origem idêntica para o Sânscrito, o Gótico, o Céltico e o Persa antigo inauguram um produtivo período de investigação dedicada prioritariamente à origem, agrupamento tipológico e mecanismos de mudança das línguas humanas. Com os trabalhos de Franz Bopp, Rasmus Rask e Jacob Grimm, nasce a linguística como ciência, dotada de um método histórico-comparativo, capaz de identificar as semelhanças entre subsistemas fonológicos e morfológicos de línguas geneticamente aparentadas e de formular generalizações sobre a evolução de tais subsistemas.

A ênfase posta nas gramáticas históricas cede o passo à posta nas gramáticas descritivas a partir da segunda década do século XX. Nas duas margens do Atlântico, contextos científicos diferentes e objectivos distintos convergem na prioridade do estudo do sistema linguístico tal como ele se apresenta ao falante (i.e., como uma estrutura estável num dado período de tempo): na Europa, a preocupação de "arrumar" e organizar o campo da Linguística, separando águas e delimitando o seu objecto através da formulação de novas questões centrais, transmitida por Saussure aos alunos que recolheram as notas das suas aulas no *Cours de Linguistique Générale* (1916); nos Estados Unidos, a necessidade sentida pelos antropólogos de desenvolvimento de protocolos de trabalho de campo e de procedimentos de descrição linguística que lhes permitissem conhecer a estrutura das línguas ameríndias, sem relação genética com as Línguas Indo-Europeias e sem escrita alfabética, e cujo primeiro resultado é o *Handbook of American Indian Languages* (1911) de Franz Boas.

Uma parte significativa da investigação linguística do século XX desenvolve-se como linguística descritiva, por oposição à linguística histórico-comparativa do século XIX. Embora as descrições dos sistemas linguísticos apresentadas como gramáticas particulares se distingam em função das teorias linguísticas que as inspiram e possibilitam (por exemplo: assumindo-se ora como descrições de objectos externos aos falantes, ora como descrições de sistemas mentais dos mesmos;

incluindo centralmente, negligenciando ou excluindo fenómenos discursivos e conversacionais; atribuindo pesos e redistribuições diferentes às componentes da gramática), são traços comuns a ausência de objectivo normativo, a rejeição da variante literária como fonte primeira de dados, a utilização do uso consagrado e o recurso a informantes como critérios de determinação das formas, construções e interpretações legítimas de um dado estágio de uma língua.

Mais recentemente, graças em grande medida ao impacto da Linguística variacionista de inspiração laboviana e à análise conversacional desenvolvida no quadro da Etnografia da Fala, começaram a surgir estudos sobre propriedades regulares e específicas da língua falada, baseados em corpora cuja recolha, constituição e transcrição obedecem a uma metodologia especificamente concebida para o efeito. Estes estudos (que os três volumes já publicados da *Gramática do Português Falado* ilustram para o Português Brasileiro) têm permitido questionar, re-examinar e re-elaborar a distinção clássica entre língua oral e língua escrita.

A viagem que lhes proponho neste dia às Gramáticas do Português tem como guias *estudiosos de historiografia das gramáticas, utilizadores de gramáticas e produtores de estudos gramaticais*, categorias que não são estanques nem exclusivas.

De entre os utilizadores, ouviremos pontos de vista de alunos do ensino básico e secundário, de professores de português e de docentes de Linguística envolvidos na docência de disciplinas dos currículos de formação de professores de línguas (materna e estrangeira). Ouviremos igualmente a reflexão de linguistas que procuram nas gramáticas existentes respostas para questões que a sua investigação os leva a formular.

A todos os participantes nesta sessão agradeço reconhecidamente terem aceitado estar presentes e compartilhar o muito que sabem sobre os temas em discussão.

A primeira etapa da nossa viagem conduzir-nos-á até ao presente, ao quotidiano das escolas de ensino básico e secundário deste país, para uma mesa-redonda sobre o tema *A Gramática que (não) se faz nas aulas de Português*, em que participarão, para além de alunos do ensino secundário, Maria José Ferraz, Mercês Moita e Ana Lúcia Santos.

Após um intervalo reparador, e em estreita relação com o tema da mesa-redonda, Rui Vieira de Castro analisará alguns aspectos que caracterizam as gramáticas escolares destinadas aos estudantes de Português-língua materna actualmente disponíveis, numa intervenção intitulada *Locutor e Destinatário na Gramática Escolar*.

A seguir, daremos um salto até ao passado para, pelas vozes autorizadas de Maria Helena Novais Paiva, Filomena Gonçalves e Ana Maria Martins, conhecermos *O Papel dos Gramáticos do Séc. XVI na Normalização do Português*, colhermos informações sobre a *Ortografia na Antiga Gramatografia Portuguesa* e nos reencontrarmos com as *Gramáticas Históricas do Português*.

Depois da Assembleia Geral, recomeçaremos com a comunicação de Ataliba de Castilho sobre *O Projecto de Gramática do Oral do Português Brasileiro*, a que se seguirá a intervenção de Isabel Casanova intitulada *Gramática do Inglês: procura-se*, que focará a questão do papel da gramática no ensino de língua estrangeira. Gabriela Matos propor-nos-á uma síntese sobre *Morfo-Sintaxe e Sintaxe nas Gramáticas Descritivas do Português do Século XX* e Maria Helena Mateus fechará, certamente com chave de ouro, a maratona gramatical de hoje com uma comunicação em que analisa os *Factos Prosódicos nas Gramáticas Portuguesas*.